

ARMADILHAS DA FORMA: AS PINTURAS DE FELICE VARINI

Vanessa Beatriz Bortulucce¹

A presente comunicação pretende realizar algumas considerações acerca das pinturas do artista suíço Felice Varini (1952), realizadas nas superfícies de edifícios, ruas e paredes em diversas cidades do mundo. Definida pelo professor e crítico de arte Joël Koskas como uma “anti-Monalisa”, a obra de Varini constitui-se de formas geométricas que, após projetadas por canhões de luz nas paredes, tetos e demais superfícies arquitetônicas, são coloridas em tonalidades contrastantes.

Eis aqui, portanto, o efeito “anti-Monalisa” mencionado por Koskas: as formas geométricas projetadas nos espaços arquitetônicos permitem que o espectador, ao movimentar-se pelo espaço, testemunhe a mutação das mesmas. Não estamos diante da figura leonardesca que nos sorri *à la* egípcia e que recusa a desnudar-se, mantendo-se, de forma impassível, estática a despeito do posicionamento do observador. Em Varini, a pintura é uma escolha. Estamos diante de uma obra carregada de reflexões filosóficas, matemáticas, literárias, físicas, sociais. As formas desconstróem-se graças ao papel ativo do espectador, que, ao deslocar-se no espaço, arrisca suas certezas e mergulha no inesperado, relativizando e multiplicando a percepção estética.

O trabalho de Varini está fortemente atrelado às percepções de espaço, movimento e tempo, bem como à apreensão e entendimento pessoal do espectador destes conceitos. A partir de um ponto de vista privilegiado, o ponto de vantagem, o indivíduo pode “construir” ou “desconstruir” a forma geométrica selecionada pelo artista – triângulos, quadrados, elipses, círculos, “pintados” em cores primárias – ao mesmo tempo que vivencia, de uma nova maneira, sua relação com a arquitetura local. Ao tomar o espaço como campo de ação, Varini constrói sua pintura utilizando variados edifícios como “tela” para suas obras. Contudo, as obras deste artista não são simples murais: aquilo que, num primeiro momento, parece um emaranhado confuso de formas fragmentárias, revela-se, a partir de um ponto de vista fixo do espectador, uma figura em duas dimensões que passa a existir em um espaço virtual, completamente descolada do seu suporte. Surge um espaço dentro de outro, terrivelmente frágil e consistente ao mesmo tempo.

¹ Doutora em História (IFCH-UNICAMP, 2005), Pós-doutora em Letras Modernas (FFLCH-USP, 2013).

As pinturas de Varini são uma variação da anamorfose encontrada em algumas obras do Renascimento, como, por exemplo, *Os Embaixadores* (1533), de Hans Holbein, o Jovem, ou a tela de William Scrots *Retrato de Edward VI* (1546). No caso de Varini, as pinturas adaptam-se para incorporar a arquitetura de tal forma que, da mesma maneira que ocorre com a escultura, o espectador tem de movimentar-se para apreciá-las.

A obra de Varini altera o funcionamento da perspectiva pictórica: ao invés das imagens bidimensionais que adquirem volume e profundidade, as formas de Varini, ao serem pintadas em um espaço tridimensional, resultam completamente planas quando visualizadas de um ponto de vista específico. Basta que o espectador torne a passear pelo espaço para que as formas “explodam”, fragmentando-se em pequeninas peças cromáticas, numa espécie de *Big Bang* geométrico. Trata-se, logo, de uma pintura onde a surpresa, o suspense e a atuação do espectador brincam com os elementos racionais e subjetivos, estáticos e dinâmicos, apolíneos e dionisíacos, onde o olho e o caminhar conferem um ritmo caleidoscópico à experiência estética. O jogo de romper e reconstruir a forma torna-a uma experiência que transita entre a abstração e a figuração, já que a pintura não existe somente em seu aspecto “total”, mas também em seus aspectos fragmentários. O espectador pode, como num sonho de Akira Kurosawa, caminhar dentro da própria tela.

Apesar de cada obra ser registrada por fotografias antes de ser desfeita, Varini insiste em que suas obras sejam chamadas de pinturas, recusando que as mesmas sejam denominadas instalações ou *performances*. Neste sentido, as sensações que a obra de Varini desperta nos remete a várias experiências no campo da Arte Contemporânea; podemos pensar em Carlos Cruz Diez, que, assim como o artista suíço, insistia que suas obras eram pinturas, ao colocar, bem próximas uma das outras, finas lâminas de acrílico nas mais diversas cores; a movimentação do espectador detona o efeito de mutação cromática.

Em uma entrevista concedida a Gil Dekel em 2008, Varini revela que as primeiras obras de arte que conheceu foram aquelas produzidas por Lucio Fontana: “esta foi a minha iniciação na arte moderna, onde eu comecei a pensar numa pintura sem qualquer representação” (entrevista concedida a Gil Dekel, 2008, disponível em <http://www.poeticmind.co.uk/interviews-1/i-am-a-painter/>). É tentador pensar que a obra de Varini seja aquela de Fontana, às avessas: da mesma forma que Fontana traía toda a ilusão do espaço pictórico ao realizar talhos na superfície pintada da tela, Va-

rini trai a ilusão da integridade da obra, deixando que o espectador, ao mover-se no espaço, realize seus próprios “cortes”. Para por um fim às ilusões da arte, Fontana injetou o espaço na tela; Varini injetou a tela no espaço. Em ambos os casos, contudo, a pintura torna-se tridimensional.

A obra de Varini assinala também outro importante aspecto que caracteriza as produções contemporâneas: a sua relação com a fotografia. Por se tratar de uma pintura não-permanente, necessita do recurso fotográfico para que possa plasmar-se em registro e memória física. Varini utiliza a fotografia, inclusive, como parte do estudo preparatório para a execução da obra, uma vez que as imagens fotográficas do local escolhido o conduzem no estudo para o posicionamento acurado das formas que serão pintadas. Uma vez a obra realizada, o papel da fotografia é o de ser múltiplo, pois são necessárias várias imagens, realizadas em diferentes pontos de vista, para que se tenha uma compreensão adequada da proposta do artista. A fotografia desdobra-se para registrar o máximo possível da surpresa, sendo ela um fundamental veículo para a disseminação da obra de Varini para um público mais amplo.

A pintura de Varini constrói curiosas relações íntimas entre a pintura e a arquitetura, entre como nos movimentamos e apreendemos o espaço público, e, principalmente, como as reentrâncias, becos, quinas e todas as demais geometrias anônimas e muitas vezes ignoradas de um determinado edifício colaboram na construção de outras formas e percepções, mesmo que estas se desintegram a partir de um único passo dado por aqueles que as observam. Ao verificar o estilhaçar das formas, faz-se um jogo de ir e vir no espaço, onde os passos dos espectadores, a sua movimentação corporal, constroem ludicamente um tipo de esconde-esconde que permite recolher os cacos da forma e recompô-las em sua integridade original, para novamente fazê-las explodir no espaço. Tal jogo incorpora a ideia de uma nova percepção da arquitetura, que aqui, é o suporte da obra, é a “tela” do artista. A pintura de Varini contribui, desta forma, para uma nova possibilidade de olhar a arquitetura, depositando uma atenção nova para as reentrâncias, os relevos, as saliências, as quinas e as “dobras” dos edifícios – uma ideia fortemente defendida na obra, por exemplo, do artista norte-americano Gordon Matta-Clark: um olhar que reconsidere e reinterprete a arquitetura.

Desta forma, quando as pinturas de Varini são finalmente removidas para acomodar-se em outros locais, é a nostalgia destas formas coloridas e simples que garante a revitalização estética e interpretativa dos espaços que as acolheram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Artiste Contemporain Suisse: Christian Jaccard, Jean Tinguely, John M. Armleder, Daniel Spoerri, Roland Schar, Felice Varini, Pierre Vadi, Pipilott. General Books LLC, 2013.

BISHOP, Michael; ELSON, Christopher. *L'Art français et francophone depuis 1980.* Paris: Editions Rodopi BV, 2005.

MEINHARDT, Johannes. *Varini: The Reality of Aesthetic Illusion - Eye Traps.* Suíça, Edizione Studio Dabbeni, 1999.

VARINI, Felice. *From Spaces to Spaces.* New York: Lars Muller Publishers, 2013.

Documentos eletrônicos

AYERS, Andrew. "Painting Camelot". In PIN-UP. Magazine For Architectural Entertainment. Disponível em <http://pinupmagazine.org/tag/felice-varini/>. Acesso em 14/09/2014.

www.varini.org (site oficial do artista)

www.varini.org/presse-varini/02-dp-varini.pdf

"I am a painter". Entrevista de Felice Varini concedida a Gil Dekel, 2008. Disponível em <http://www.poeticmind.co.uk/interviews-1/i-am-a-painter/>. Acesso em 14/09/2014.